

EM artigo anterior, tive ocasião de falar sobre a moda das "biografias romanceadas" e o sentido equívoco que encerra tal denominação. Seria absurdo procurar nessa ambiguidade, que, sem dúvida, prestigia o gênero, a única explicação plausível para seu atual sucesso. A causa principal estaria antes, como já houve quem dissesse, na própria estreiteza das nossas vidas atuais, ansiosas por encontrar refugio e libertação em outras existências mais excitantes. Em uma era que se pretende realista e onde os fatos concretos importam mais do que as simples criações do espírito, a biografia satisfaz essa avidez melhor do que o romance.

E' claro que nem todas as vidas do passado são igualmente próprias para comover a sensibilidade e falar à fantasia. Nas biografias exemplares, como nas novelas exemplares de antigamente, mais do que nestas, o tema é quase tudo e a maneira de tratá-lo muito pouco. Sucede que há épocas onde certas existências têm naturalmente o fascínio das irrealidades e podem seduzir as imaginações sem necessidade de um recurso ao menor artifício. E' o que ocorre no Brasil com a época dos poetas da "escola de morrer cedo", que viveram nos anos de 1850-70, floração assombrosa de arcanjos literários como nunca

os houve entre nós, antes ou depois.

Assistimos hoje a um interesse renovado por essas vidas, que já nos parecem imemoriais, tanto se distanciam de nossas concepções mais correntes e familiares. E não só pelas vidas, como pelas obras de tais poetas, por seus versos singelos e melódicos, que ainda há pouco tempo só podiam ser ditos em tom de falsete, para melhor se disfarçar o ridículo de um sentimentalismo que não é o nosso. Prova disso está na importante influencia que exerceram eles sobre a obra tão significativa de um Augusto Frederico Schmidt, por exemplo, ou sobre certas experiências poéticas de um Manuel Bandeira.

O que mais nos afasta do delírio sentimental e do desencanto da vida, tão característicos desse grupo de românticos, é o que há aí de aparentemente afetado e de postiço. Mas não se pense que semelhante impressão é só de agora. Folheando a preciosa coleção dos "Ensaíolos Literários", do Ateneu Paulistano, revista da época, encontro com a data de 1857, e a respeitável assinatura de A. J. Macedo Soares, considerações que hoje passariam por perfeitamente judiciosas e cabidas, acerca de poetas que ainda mal vividos já queriam "alardear de encanecidos pela dor, cépticos ex-officio, sem uma esperança de gloria,

sem animação, nem vida..." O abuso de palavras tais como **dores, maguas, descrença, prantos, desesperos, agonias, lágrimas, túmulos, mortes, ansias, doloridas**, já parecia extravagante aos homens prudentes do tempo.

Creio, porém, que é possível considerar com menos antipatia e mais compreensão a louca imprudência daqueles poetas. E não sei se é justo insistir no que há de fingido em algumas de suas expansões líricas. Mesmo porque se era moda em seu tempo a ostentação de sofrimento e desânimo, não há nisso motivo para duvidar da sinceridade de tais expansões.

Sempre que estabelecemos contacto mais íntimo com a vida desses poetas, somos obrigados a corrigir como insuficiente e inadequada a primeira impressão de fingimento que nos deixam seus versos. O sr. Homero Pires fala em naturalidade e sinceridade a propósito de Junqueira Freire. Outros têm dito coisas semelhantes com relação a Álvares de Azevedo ou a Casimiro de Abreu. E já Machado de Assis exaltara no autor do "Evânge-

lho das Selvas" o "poeta espontâneo de verdadeira e amena inspiração".

Explicam-se, assim, as vantagens, mesmo para o simples julgamento crítico, da existência de biografias como a que nos oferece agora o sr. Edgard Cavalheiro com seu belo livro, justamente sobre Fagundes Varela (Livraria Martins, Editora, São Paulo). Um dos traços bem marcados do romântismo, está em que ele não isola a obra de arte do artista que a compôs, não lhe dá existência própria e independente, como sucede com os clássicos. A obra é, ao contrário, uma expansão ou uma parte da vida do artista e nem sempre a parte mais importante. Tal fato parece ter sido bem compreendido pelo sr. Cavalheiro, que abandonando os moldes mais vulgares da biografia "romanceada", oferece-nos um livro puramente informativo e interpretativo, um livro como no mesmo sentido e nas mes-

mas proporções, não existe talvez outro sobre nenhum poeta brasileiro.

Nesse livro, a obra do poeta é explicada quase em função de sua vida, e penso que no caso de Varela é esse o método realmente fecundo. Não quero dizer que nele as observações críticas sejam insignificantes e muito menos que se limitem a uma reprodução de opiniões já anteriormente fixadas por outros. Em mais de um passo, o autor timbra mesmo em examinar minuciosamente os motivos que determinaram tais opiniões e em refutá-las sempre que não pareçam conformar-se aos fatos. O que se pode dizer é que o empenho da veracidade e da minúcia, amparado, aliás, numa base documental respeitável e em grande parte inédita, situou o autor muito perto de seu assunto para lhe permitir uma visão global, capaz de exprimir-se em juízos definitivos e lapidares. Sua visão é, ao con-

VIDA LITERARIA

FAGUNDES VARELA

(Especial para o DIARIO DE NOTICIAS)

trario, dissociadora e analítica.

Depois de varios dados biográficos, tão exaustivos quanto possível, sobre o ambiente doméstico e familiar, a infancia e a adolescencia do poeta, surge como era de esperar, um retrospecto da vida intelectual da mocidade acadêmica de S. Paulo, nos tempos da Sociedade Epitúrea e, naturalmente, do byronismo. O assunto já foi tratado por outros, sobretudo por Almeida Nogueira e Vampré, mas adquire significação particular a propósito de uma figura como a de Varela. Das informações existentes a respeito, retira o autor deste livro o melhor proveito para seu estudo. Não há dúvida que a influencia direta de Byron e dos "byronianos", foi menos visível em Fagundes Varela, do que em outros. Do que em Álvares de Azevedo, por exemplo. Mas a verdade é que essa influencia, ao seu tempo, já se deveria exercer quase sem o intermedio de leituras e de livros, tanto se impregnara dela o meio literario paulista. De Varela, que alguém chamou o menos livresco de nossos poetas — sem muita razão, pensa

o sr. Cavalheiro — pode-se suspeitar que a recebeu principalmente por vias indiretas.

Nada mais ilusorio, aliás, do que considerar o jogo das influencias como uma especie de química literaria, em que a ação simples e fortuita de um ou mais escritores possa ter importancia cabal. Parece-me evidente, ao contrario, que as influencias em literatura nunca se exercem arbitrariamente. Como explicar de outro modo que a do byronismo, com o sentido que veio a adquirir essa palavra, se fizesse sentir tão intensamente sobre certa geração de poetas brasileiros, quase sem tocar Portugal, e que mesmo no Brasil fosse mais sensível em São Paulo do que no Recife, bem cedo conquistado pelas preocupações sociais da poesia hugoana? E' essencial, por conseguinte, tentar penetrar como o fez o sr. Edgard Cavalheiro, certos fatores subjacentes, invisíveis a olho nu e que poderiam ter contribuido seriamente para a eclosão dessa forma particular de romantismo.

O que faltaria, talvez, a este estudo, se o autor se propusesse fazer mais do que uma biografia, sem outra ambição do que a de situar a personalidade de Varela, no seu meio, na sua época e no quadro geral

(Conclue na página 14.2)

Sergio Buarque de HOLANDA

Continua no verso

FAGUNDES VARELA

(Conclusão da página 13.º)

da literatura brasileira, é o exame das provocações e estímulos que tal poesia ia encontrar no público do tempo e que, por sua vez, não deixavam de agir poderosamente sobre ela. O problema da literatura confunde-se nesse caso com outros, mais complexos, de psicologia coletiva, abordáveis mediante uma análise das relações entre a produção literária e os leitores. É inegável que essa ação informadora do público se exerceu não apenas sobre a invenção lírica e a natureza dos sentimentos que a animavam, como até sobre outros aspectos menos característicos da criação literária. No próprio movimento rítmico de alguns versos românticos não existiria alguma coisa de feminino e fatalista, bem de acordo com o tom geral dessa poesia? Os verbos "cativar", "encadear", "enlear", surgem com frequência na crítica do tempo a propósito dessa poesia, que não reclama do leitor nenhuma ação, nenhum esforço e parece mesmo interessada em entorpecer a vontade, a liberdade e a energia.

Semelhante impressão acentua-se particularmente diante de alguns versos de nove sílabas, tão peculiares ao nosso romantismo, e também nos de onze, como os do poema "Nevoas", de Varela, e de "Sonhando", de Alvares de Azevedo, que certamente serviu de modelo ao primeiro. Em "Nevoas", esse efeito é reforçado pela presença das rimas internas, que servem para enlear ainda mais o leitor:

Nas horas tardias que a noite
[desmaia
Que rolam na prata mil vagas
[azues
E a lua cercada de pálida
[chama
Nos mares derrama seu pranto
[de luz,

Eu vi entre os flocos de nevoas
[imensas
Que em grutas extensas se ele-
[vam no ar,
Um corpo de fada, serena, dór-
[mindo,
Tranquila sorrindo num brando
sonhar...

É um prazer puramente passivo, verdadeira hipnose o que tais versos querem infundir, entretendo certa inércia do espírito e lisonjeando uma capacidade de abandono, bem compreensíveis em época onde se enaltecia o tédio de viver e mesmo a falta de energia moral, como coisas poéticas e excelentes. Cada público tem efetivamente o lirismo que merece. É importante considerar isso, quando se procure realizar qualquer interpretação literária e crítica menos superficial.

Em Varela, um instinto musical seguro, assinalado, aliás, por Otoniel Mota, em estudo que cita o sr. Cavalheiro, exprime-se muitas vezes em belos versos cantantes e sonoros, onde a presença da rima chega a tornar-se superflua. Thibaudet, que apresenta a rima como elemento motor e oratório do verso, observou a propósito de Victor Hugo, que o movimento rítmico oratório e a rima, quando associados, dão uma sensação de superabundância e de pleonasmos. É bem significativo o fato de Varela ter composto em versos brancos, precisamente alguns dos seus melhores poemas.

O outro aspecto que cumpre salientar na poesia de Varela e ao qual seu biógrafo dedica longas páginas, é o do pintor da natureza. O tema não deixa de ser repisado constantemente pelos poetas do tempo, a começar por Gonçalves Dias, em cuja obra se acham, por assim dizer,

prefiguradas todas as formas depois assumidas por nosso romantismo, ainda que em nenhum chegue a alcançar o caráter intenso e quase dramático que atinge em Varela. Mesmo em Castro Alves, a exaltação da natureza aparece como complemento necessário ao repúdio da vida urbana, burguesa e convencional. Assim, em "Sub Tegmine Fagi", o poeta exclama:

Aqui o eter puro se adelgaça...
Não sobe essa blasfêmia de
[fumaça
Das cidades p'ra o céu.

Mas é lícito supor que nesse caso a natureza, apresentada em contraposição ao ambiente das cidades, constitui simples assunto poético — e dos mais prestigiosos do romantismo — sem raízes muito profundas no sentimento. Em Varela a antítese romântica entre civilização e natureza, não é um tema arbitrariamente extraído do numeroso repertório de motivos poéticos oitocentistas. Ela adquire ao contrário, uma significação muito íntima e torna-se a forma natural de exprimir o divórcio entre o poeta e a sociedade:

A cidade ali está: com ela o
[erro,
A perfídia, a mentira, a des-
[ventura...
Como é suave o aroma das
[florestas!
Como é doce das serras a fres-
[cura!

Raramente a exaltação da natureza dispensa o confronto com a civilização e à medida em que o poeta avança na vida, essa exaltação torna-se em verdadeiro culto. É inegável — diz-nos seu biógrafo "que ele não via a natureza, nos últimos tempos, como simples regalo para os olhos, ou meigo e doce regaço para seu desatino. Sabe que nela encontrará um mundo nunca sonhado. Tenta, mesmo, consorciá-la com Deus, e daí nasce o místico, se quiserem, mas um místico singular, um místico que exclama arrebatado:

Oh, Natureza, oh! Guarda vigi-
[lante,
Dos pobres, dos aflitos!... Quão
[risíveis
São da sociedade honras e galas,
E prêmios pueris!... Que
[montam festas,
Que montam festas de vaidade
[e fumo,
Quando a esperança, o faro
[derradeiro,
Que entre os parciais da vida os
[seres guia,
Perde-se em nevoeiros?... Tu,
[somente,
Nos alentas, fiel, inalterável!
Novas idéias a nossa alma
[inspiras!
Novos, santos prazeres nos
[procuras,
E nos ensinas mais feliz
[linguagem,
A linguagem de Deus e da
[verdade!"

É inegável, também, que nessa exaltação do "céu azul", das "selvas virgens", do "ar", da "luz", da "vida", da "liberdade", Varela não é apenas um espectador placidamente maravilhado. Ele apega-se convulsivamente a todas as coisas divinas e naturais, como a procurar nelas um último recurso para sua trágica dissonância, com o mundo que os homens fabricaram. Na vida agitada e miserável do poeta, encontramos elementos com que explicar melhor esse e outros aspectos de sua obra. Foi, talvez, o motivo que me deteve aqui, menos no biógrafo e em sua obra do que no biografado. Esse convite ao estudo é uma das virtudes do livro lúcido e honesto que acaba de publicar o sr. Edgard Cavalheiro.

Sergio Buarque de Holanda.
Remessa de livros: rua Ronald
de Carvalho, 5, ap. 34.